

**Protestos em meio à pandemia na América Latina:
redes sociais e mobilizações juvenis retratadas em *El País***

***Protests amidst the pandemic in Latin America:
social networks and youth mobilizations portrayed in El País***

Thiago A. CAMINADA¹

Resumo

Em meio à pandemia de coronavírus, a América Latina viu emergir manifestações de insatisfação social em diversos países. Nas multidões, se destacaram os jovens e seus usos das redes sociais digitais para mobilizar e dar visibilidade às ações. Este trabalho tem como objetivo evidenciar as relações entre os jovens, as novas tecnologias e os recentes protestos durante a pandemia de coronavírus na América Latina e como pergunta de pesquisa: de que maneira são descritos os jovens, as tecnologias e suas relações na cobertura de *El País* dos protestos em meio à pandemia de coronavírus na América Latina? O corpus da análise é composto por materiais jornalísticos produzidos pelo *El País Brasil* entre abril de 2020 e março de 2021. A análise apontou para similaridades com movimentos deste novo século e possíveis relações entre as múltiplas juventudes e a diversidade de pautas e características desses movimentos no continente.

Palavras-chave: Jovens. América Latina. Redes sociais digitais.

Abstract

Amidst the coronavirus pandemic, Latin America has seen manifestations of social dissatisfaction emerge in several countries. Among the crowds, young people and their use of digital social networks to mobilize and give visibility to actions stood out. This paper aims to highlight the relationships between young people, new technologies and recent protests during the coronavirus pandemic in Latin America and has as a research question: how are young people, technologies and their relationships are described by the coverage of *El País* of the protests amidst the coronavirus pandemic in Latin America? The corpus of the analysis is composed of journalistic materials produced by *El País Brasil* between April 2020 and March 2021. The analysis pointed to similarities with movements of this new century and possible relationships between the multiple youths and the diversity of agendas and characteristics of these movements on the continent.

Keywords: Youth. Latin America. Social networks.

¹ Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador do Observatório Salesiano de Juventudes. E-mail: caminhada.thiago@gmail.com

Introdução

A pandemia de coronavírus infectou mais de 247 milhões e matou mais de cinco milhões de pessoas em todo o mundo². Diante da gravidade de casos e grande número de mortos na Europa, os países latino-americanos, após o registro dos primeiros casos a partir de março de 2020, iniciaram uma política de restrições de circulação, toque de recolher e outras medidas estatais e sanitárias para conter o avanço da doença. Durante a composição e análise desse trabalho, o mundo ainda enfrenta uma escalada de mortes, enquanto não há comprovação científica de cura e as primeiras vacinas são aplicadas na população. Quase um ano após a primeira pessoa vacina, apenas 39,1% da população mundial está totalmente imunizada.

Ainda em meio à crise do coronavírus e aos movimentos de insatisfação emergidos durante os últimos meses e suas consequências no continente americano, este artigo tem como objetivo evidenciar as relações entre os jovens, as novas tecnologias e os recentes protestos durante a pandemia de coronavírus na América Latina. Guia-se pela pergunta de pesquisa: De que maneira são descritos os jovens, as tecnologias e suas relações na cobertura de *El País* dos protestos em meio à pandemia de coronavírus na América Latina? O corpus da análise é composto por quatro materiais jornalísticos produzidos pelo *El País* em sua versão no site do *El País Brasil* entre os meses de abril de 2020 e março de 2021. O material empírico foi selecionado após uma observação prévia do material informativo produzido na editoria “Juventude”³.

Foram encontrados quatro textos que relacionavam os protestos recentes em países latino-americanos, a participação dos jovens e a utilização de redes sociais digitais. Nesta primeira aproximação dos temas foram consideradas as manifestações de insatisfação social das populações e suas possíveis relações com a crise causada pela pandemia do coronavírus. Nos seis países reportados pelo corpus da análise (Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai e Peru) a doença, até novembro de 2021, infectou

² Dados disponíveis em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=/m/02j71&gl=BR&ceid=BR:pt-419> Acesso em 01 de novembro de 2021

³ Disponível em <https://brasil.elpais.com/noticias/jovenes/> acessado em 28 de junho de 2021.

mais de 10 milhões e matou 433 mil pessoas, mesmo com os índices de vacinação acima da média mundial atualmente⁴.

São parte do corpus de análise a grande reportagem multimídia “Do TikTok para as ruas: a geração que clama por um novo Peru⁵”, publicada em 24 de dezembro de 2020; as reportagens “Os jovens da América Latina erguem sua voz”⁶, datada de 5 de dezembro de 2020, “O poder dos jovens peruanos que lideraram os protestos se dilui nas urnas”⁷, com publicação em 10 de abril de 2021; e a notícia “Polícia chilena no olho do furacão após jovem ser empurrado de uma ponte em meio a uma manifestação”⁸, com publicação em 03 de outubro de 2020.

As informações contidas nos materiais jornalísticos de *El País* são categorizadas e analisadas conforme a técnica de Análise de Conteúdo, pois se considera “um dos métodos mais eficientes para rastrear esta civilização por sua excelente capacidade de fazer inferências [...]. [E] revela-se como um método de grande utilidade na pesquisa jornalística” (HERSCOVITZ, 2007, p. 123).

Ao tratar da análise de material jornalístico e sua relação com a realidade, é importante destacar a função social do jornalismo e sua manifestação diante dos acontecimentos sociais. Adotamos a visão de Rodrigo Alsina (2009, p. 14) que considera a notícia como categoria universal da produção jornalística. “A notícia é uma representação social da realidade quotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível”.

Serão contabilizadas e categorizadas as menções e referências às redes sociais digitais, as fontes jornalísticas utilizadas pelos jornalistas e verbos relacionados aos jovens latino-americanos utilizados pelos jornalistas na construção de suas matérias.

⁴ Dados disponíveis em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F02j71&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419> Acesso em 01 de novembro de 2021.

⁵ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-12-24/do-tiktok-as-ruas-a-geracao-peruana-que-exige-um-novo-pais.html> Acessado em 10 de abril de 2021.

⁶ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-12-05/os-jovens-da-america-latina-erguem-sua-voz.html?rel=mas> Acessado em 10 de abril de 2021.

⁷ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-04-10/o-poder-dos-jovens-peruanos-que-lideraram-os-protestos-se-dilui-nas-urnas.html> Acessado em 10 de abril de 2021.

⁸ Disponível em <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-03/policia-chilena-no-olho-do-furacao-apos-jovem-ser-empurrado-de-uma-ponte-em-meio-a-uma-manifestacao.html> acessado em 10 de abril de 2021.

Através da análise dos dados, das inferências e embasamento no referencial teórico são relacionados os movimentos juvenis descritos nas matérias de *El País* com os movimentos e revoluções recentes em outras localidades do mundo e a utilização das ferramentas tecnológicas para a mobilização e amplificação de suas ações.

Crise e pandemia

A letal ação do novo coronavírus (SARs-CoV-2) convulsionou sistemas de saúde em todo o mundo, forçou o fechamento de fronteiras e restringiu atividades econômicas, sociais e culturais. A pandemia vem gerando uma crise de proporções humanitárias, políticas e econômicas. Mascaro (2020) afirma que não se pode limitar o olhar para epidemia de proporções globais às questões biológicas e sanitárias, mas que a crise é de um sistema social de contradições aparentes. O pensador brasileiro tem na mira certa crítica o capitalismo e afirma que a crise pandêmica é instrumentalizada por governantes para manipular ou justificar crises e problemas sociais internos, como nos Estados Unidos e no Brasil.

Dunker (2020) acredita que a necropolítica – processo caracterizado pela invisibilização, esquecimento, supressão e extermínio proposital de temas, grupos e políticas – é uma realidade em curso no Brasil antes mesmo da pandemia. A crise sanitária apenas evidenciou e fez emergir vidas que estavam sendo sufocadas por uma política estatal de silenciamentos.

Em seu livro que reflete sobre questões da psicologia e da sociedade diante da quarentena, o autor descreve três comportamentos padrões diante das epidemias: tolo, confuso e desesperado. O tolo busca por culpados, baseado em sua desinformação e desprevenido ele desconhece os perigos e os ignora. O confuso quer transformar a angústia em medo real e está disposto a acreditar em tudo que vê, lê e ouve. Já o desesperado transforma todo o medo em angústia, processo apenas potencializado pela pandemia. Como antídoto para esses comportamentos e as condições sociais, Dunker (2020, p. 14) aconselha “acalmar-se, e não ser acalmado pelos outros e seus objetos”, pois “acalmar-se é algo que ninguém pode fazer por você”.

Diante desse contexto, Santos (2020) apresenta uma realidade desigual diante da doença e da quarentena. O sociólogo retoma seu conceito de sociologia das ausências e projeta para os tempos pós-pandêmicos uma realidade de exclusão e invisibilidade.

Também traz em seu livro sobre a pedagogia do vírus os grupos que em seu conceito vivem a sul da realidade, não apenas geograficamente, mas em “um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual” (SANTOS, 2020, p. 15). Entre eles, destacamos os moradores das periferias (também do mundo) e trabalhadores precários e de rua, populações que compõem grande parte do povo da América Latina como o próprio autor destacou em alguns de seus exemplos.

Juventudes, tecnologias e transformações

Mesmo com todas as restrições impostas por governantes, as insatisfações com problemas sociais agravados ou evidenciados pela pandemia do coronavírus fizeram eclodir uma série de protestos, levantes e ocupações em diferentes países da América Latina. Em meio às multidões, jovens rostos gritam palavras de ordem e tomam o protagonismo das ações.

Shirky (2011) traz uma série de exemplos de movimentos políticos e culturais em diferentes regiões geográficas, por motivações diversas e, por vezes, difusas. Em comum: todos foram potencializados pela propagação de conteúdo na internet. Desde as meninas-velas protestando contra a carne vinda dos Estados Unidos, na Coréia do Sul, passando pelo movimento dos Indignados na Espanha e incluindo a Primavera Árabe e Occupy Wall Street, esses movimentos atraíram os jovens da geração atual com seus smartphones para as ruas em protestos contra o sistema vigente.

Novas tecnologias possibilitam novas coisas: em outras palavras, quando novas tecnologias aparecem, coisas antes impossíveis começam a acontecer. Se um número suficiente dessas coisas impossíveis tem importância e ocorre em quantidade, rapidamente, a mudança transforma-se em revolução.” (SHIRKY, 2012, p. 93)

É desses movimentos sociais na Internet que se ocupa Catells (2017) que em discussão mais recente, traz os movimentos brasileiros conhecidos como Jornadas de Junho de 2013. Castells (2017) diz que as plataformas permitem autonomia para o ator social, seja ele individual ou coletivo, e este é o grande motivo pelo qual governos tem medo da internet e grandes corporações estabelecem uma relação de amor e ódio com as novas tecnologias. Para o sociólogo espanhol é só nas redes sociais digitais que é possível

se desvencilhar do controle governamental e das grandes empresas sobre os conglomerados midiáticos para deliberar e coordenar ações de maneira desimpedida.

Em *Cultura da Conexão*, Jenkins, Green e Ford (2014) apresentam o panorama de produção cultural na internet e sua capacidade de propagação, ‘espalhabilidade’. Em um contexto de fragmentação dos públicos e multiplicação das plataformas, o engajamento é o combustível para que os conteúdos produzidos fora dos meios massivos de comunicação alcancem os públicos e mobilizem as pessoas. Para Castells (2017, p. 15), existe uma característica compartilhada por todos os movimentos na construção simbólica: “eles dependem amplamente das mensagens e estruturas criadas, formatadas e difundidas nas redes de comunicação multimídia” (CASTELLS, 2017, p. 15).

Outra característica enumerada pelos processos sociais e culturais descritos por Shirky (2011) e Castells (2017) é a multiplicidade de pautas e disruptividade desses movimentos. Descritos muitas vezes como apolíticos e difusos, os movimentos e seus protagonistas emergem nas ruas o que os estudos sobre juventudes vêm refletindo nas últimas décadas. Ao considerar a juventude como categoria social, Groppo (2004, p. 14) propõe uma dialética das juventudes e da condição juvenil

como a presença de elementos contraditórios no interior dos diversos grupos juvenis, elementos que colocam constantemente aquilo que é definido institucional e oficialmente em estado de superação, pela própria dinâmica interna das coletividades juvenis e de suas relações com a sociedade mais geral.

No início do século Quaper (2000, p. 70) refletia sobre as juventudes da América Latina e do Caribe e apontava:

O que existem e vem ganhando presença são as juventudes, vale dizer que diversas expressões e significações da estrutura complexa que surge em nossas sociedades desde um grupo social e que se expressa de maneiras múltiplas e plurais. Estas juventudes são de muito tempo, surgem como grupos sociais diferenciados, com particularidades e especificidades em cada sociedade e em cada interstício dela, entre os espaços das palavras vem surgindo diferentes rostos, cheiros, sabores, vozes, sonhos, dores, esperanças.⁹ (Tradução nossa)

⁹ “Lo que existen y que han venido ganando presencia son las juventudes, vale decir diversas expresiones y significaciones del entramado complejo que surge en nuestras sociedades desde un grupo social y que se expresa de maneras múltiples y plurales. Estas juventudes son de larga data, surgen como grupos sociales diferenciados, con particularidades y especificidades en cada sociedad y en cada intersticio de ella, entre los espacios de las palabras van surgiendo con distintos rostros, olores, sabores, voces, sueños, dolores, esperanzas.”

Protagonizados pelos jovens e amplificados pelos seus usos das tecnologias, os movimentos recentes em todo o mundo reúnem a multiplicidade juvenil em suas pautas de insatisfação e construção social da realidade. Sauviat (2012) faz um panorama dos movimentos conhecidos no mundo como Primavera Árabe e a influência do Facebook como ferramenta agregadora. Apesar da força das mobilizações que levaram à derrubada de ditaduras, as mudanças no cotidiano dos jovens protagonistas são dispersas ou pouco observáveis.

Já Oliveira (2012) observa o desgaste do modelo capitalista levantado na pandemia por Mascar (2020) nos movimentos do Occupy Wall Street na década passada. Negligenciados pela imprensa, os ocupantes se valeram das estratégias de divulgação com o uso das tecnologias digitais. Depois de tomar as ruas em diversas cidades dos Estados Unidos, o movimento se deslocou para os campi universitários e ainda levanta as bandeiras contra o mercado financeiro e especulativo.

Os jovens da América Latina e seus protestos em meio à pandemia no El País

A pandemia de coronavírus vem sendo marcada por movimentos de insatisfação e revolta social na América Latina. Protagonizadas pelas juventudes e amplificadas por seus usos das tecnologias, os levantes recebem atenção dos meios jornalísticos tradicionais como é o caso de *El País Brasil*. O veículo foi criado em 26 de novembro de 2013 como uma versão para o Brasil do periódico espanhol fundado em 1976. Almeida (2016) conta que foram justamente os protestos de Junho de 2013 no Brasil, também encabeçados por jovens e mobilizados pelas tecnologias, que aumentaram o fluxo dos acessos e influenciaram a criação da versão brasileira do veículo de Madri. O site traduz para o português o material produzido na Espanha e América Latina e também publica textos originais brasileiros.

A relação entre *El País* e a América Latina inicia com o compartilhamento da língua espanhola, no entanto a relação é muito mais estreitada, pois o periódico europeu tem versões específicas, além da brasileira, para a América Latina e o México. O veículo jornalístico mantém correspondentes em diferentes países latinos, como é o caso trazido por Almeida (2016) de Juan Arias jornalista do periódico no Brasil desde 1999. Com essa proximidade e relação entre o veículo e sua audiência latino-americana, a cobertura dos protestos no continente recebe espaço e atenção em suas reportagens.

Em sua grande reportagem multimídia de 24 de dezembro o título “Do TikTok para as ruas: a geração que clama por um novo PERU” traz uma das plataformas de redes sociais mais populares entre os usuários mais jovens. O aplicativo para smartphones de publicação de vídeos em formato vertical tornou-se popular durante o isolamento da pandemia e atraiu as interações para diferentes conteúdos (QUIROZ, 2020).

Na grande reportagem de 5 de dezembro, o foco são os jovens com o título: “Os jovens da América Latina erguem sua voz”. O texto correlaciona o período de pandemia, as transformações políticas e culturais recentes e os usos das tecnologias. Ao trazer exemplos de jovens entre 21 e 32 anos, *El País* apresenta as similaridades das pautas levantadas pelas juventudes de Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai e também Peru. Das quatro produções jornalísticas escolhidas para compor esta análise, os jovens são fontes predominantes na construção social da realidade empreendida pelo veículo espanhol como se pode observar na Tabela 1.

Tabela 1: Fontes utilizadas por El País

Fontes	Ocorrências
Jovens	17 (56,7%)
Não-jovens	13 (43,3%)

Fonte: Dados estruturados pelo autor.

Mesmo a diferença percentual sendo pequena – de 13,4% - é importante destacar que consideramos como fontes jornalística os estudos acadêmicos e sociais citados nas matérias, muitos deles com foco nas juventudes. Se considerarmos apenas as fontes humanas, o grupo de Não-jovens representa apenas oito entrevistados. Os jovens entrevistados nas quatro publicações têm entre 20 e 42 anos e na maioria das vezes são apresentados como estudantes ou universitários. Importante destacar ainda que, como explica Groppo (2004), o fator idade não é necessariamente definidor do grupo social considerado juventudes. Dessa forma, aqui consideramos a fonte identificada como o jornalista Norka Peralta, de 42 anos, como um dos jovens participantes dos movimentos no Peru por compartilhar dos sentimentos e insatisfações de seus conterrâneos que saíram em marcha.

O ambiente universitário toma destaque, pois as matérias selecionadas apresentam como uma das insatisfações dos jovens latino-americanos os altos custos e baixa qualidade do ensino superior. Além disso, muitos dos jovens engajados são associados

nas três matérias publicadas em 2020 ao grau de instrução e consciência de seus atos. Os demais são apresentados sempre com suas profissões ou ocupações como jornalista, dono de um café e trabalhador do setor turístico.

Apenas dois jovens são descritos apenas como manifestantes e uma jovem apresentada como representante da Frente Peruana Otaku, expressão japonesa para fãs de animes e mangás, uma cultura popular em muitos grupos juvenis (MACEDO; ARAUJO, 2016). Outras fontes descritas de forma diferente são os irmãos de Anti Sotelo e Brian Pintado, jovens mortos na repressão peruana dos protestos emergidos na pandemia, referenciados pelo parentesco com as vítimas.

Algumas dessas fontes foram entrevistadas para duas reportagens. A primeira sobre os levantes dos jovens na América Latina e, 19 dias depois, na grande reportagem multimídia sobre o caso peruano. A principal delas é Alba Ñaupas, descrita como estudante de jornalismo de 21 anos e moradora de um bairro de classe média de Lima, capital peruana. Ñaupas aparece em foto destacada na primeira publicação de *El País* e depois entrevistada por vídeo na segunda publicação. Além disso, a estudante é citada como fonte textual das matérias.

Os jovens só não são diretamente citados na notícia “Polícia chilena no olho do furacão após jovem ser empurrado de uma ponte em meio a uma manifestação”. A publicação relata um adolescente vítima da violência policial chilena e as diferentes versões apresentadas pelo Estado sendo confrontadas por vídeos e relatos nas redes sociais. Apenas o jovem violentado é descrito na matéria e as demais fontes são oficiais de ligação com o aparato repressivo ou de estudiosos da universidade relatando sobre as recorrentes manifestações no Chile desde antes da pandemia de coronavírus.

Na Tabela 2, são apresentados os nove verbos mais utilizados nas publicações de *El País* aqui analisadas. No total, as quatro publicações utilizaram 109 verbos que eram utilizados nas frases escritas para associar às práticas dos jovens durante as entrevistas ou durante as ações nos protestos ou, ainda, nas redes sociais digitais. Os verbos também foram tirados de suas próprias falas transcritas nas matérias. No total, foram 58 verbos diferentes. Não foram contabilizados os verbos associados às outras fontes descritas acima ou às ações não relacionadas aos jovens como as respostas policiais e movimentações políticas. Os verbos foram listados na sua forma infinitiva, mas eles foram utilizados nas mais diferentes conjugações e tempos verbais.

Tabela 2: Verbos relacionados aos jovens nas publicações de El País

Verbos	Ocorrências
Dizer	7 (6,73%)
Participar	6 (5,76%)
Ir	6
Organizar	5 (4,8%)
Falar	4 (3,84%)
Lembrar	4
Defender	3 (2,88%)
Descrever	3
Protestar	3

Fonte: Dados estruturados pelo autor.

Dos nove verbos acima, seis (dizer, participar, falar, ir, lembrar e descrever) apareceram em três ou mais matérias de *El País*. Já os verbos organizar, defender e protestar em apenas duas publicações. Ao observar os mais utilizados é possível perceber o enfoque nas ferramentas tecnológicas e seus usos, em especial nos verbos participar e organizar. Também se percebe nos verbos menos utilizados como mobilizar, representar (duas vezes cada) e comunicar, compartilhar, congrega, conhecer, criar, documentar, promover e viralizar (uma ocorrência cada). Interessante que palavras ligadas à cultura das redes sociais digitais como compartilhar e viralizar foram pouco utilizadas pelos jornalistas e jovens.

As características mais ligadas aos protestos e levantes aparecem nos verbos defender e protestar. Também demonstrada nos verbos não tabelados como liderar, provocar, sair, unir (duas ocorrências) e abalar agitar, aderir, ajudar, atacar, arriscar, lotar, enfrentar, queimar, saquear e trabalhar (uma aparição). Os verbos mais associados ao combate e resistência estão ligados tanto à grande reportagem multimídia sobre o Peru (na qual são descritas as ações violentas da polícia na repressão, inclusive com morte de manifestantes) quanto na notícia de violência policial no Chile.

Esses verbos não são associados exclusivamente aos jovens, eles também apresentam as ações de um outro ator focado na cobertura de *El País* sobre os protestos na América Latina: as redes sociais digitais.

Tabela 3: Redes sociais mostradas nas publicações de El País

Redes Sociais	Ocorrências
TikTok	20
WhatsApp	7
Facebook	3
Twitter	2
Instagram	2
Telegram	2
YouTube	1
Zoom	1
Redes sociais	8

Fonte: Dados estruturados pelo autor.

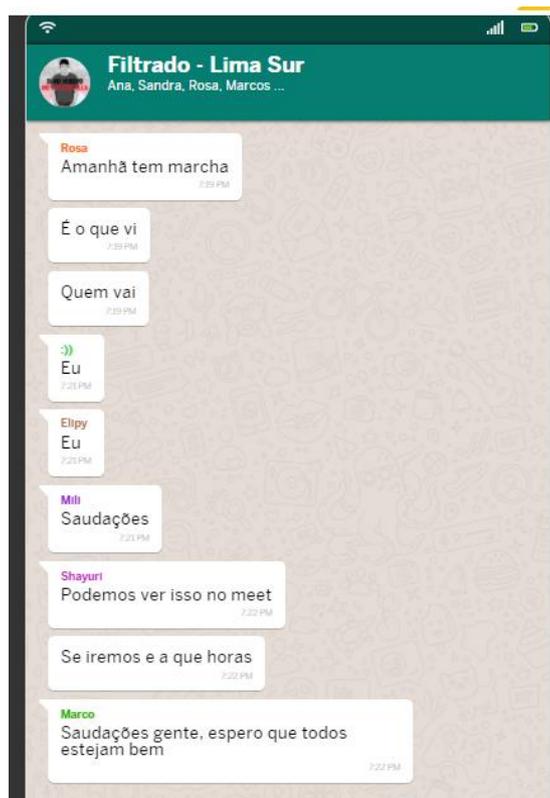
Na Tabela 3 são apresentados os números de ocorrências em que as redes sociais digitais nas quatro matérias que compõem a análise. Essas ocorrências foram registradas não apenas nas menções no texto, mas em todas as aparições dessas ferramentas tecnológicas, seja em vídeos e em elementos gráficos. A grande reportagem multimídia que enfoca o *TikTok* e os jovens peruanos destaca o uso das tecnologias em imagens, reprodução de vídeos com colagem de diversas postagens da rede social e inclusive na diagramação. Na Imagem 1 é possível ver que o vídeo de uma das jovens manifestantes em seu depoimento é colocado no formato de um smartphone.

Imagem 1: vídeo de fonte da reportagem diagramado em formato de smartphone

Fonte: Reprodução de tela de “Do TikTok para as ruas: a geração que clama por um novo Peru”.

A mesma reportagem traz ainda outros elementos de diagramação para dar ao leitor a melhor compreensão de como as mobilizações aconteciam com a ajuda das redes sociais digitais. É o caso da Imagem 2 que traz uma das duas reproduções interativas de uma tela com conversas em grupos de *WhatsApp* também no formato da tela de um smartphone. A medida que o leitor baixa o cursor da tela, novas mensagens iam aparecendo na reprodução como em uma conversa nos grupos da ferramenta.

Imagem 2: reprodução de tela de smartphone



Fonte: Reprodução de tela de “Do TikTok para as ruas: a geração que clama por um novo Peru”.

Descrito até no título da grande reportagem multimídia o *TikTok* é o grande destaque da utilização de tecnologias pelos jovens nos protestos da América Latino com cobertura em *El País*. Ele é responsável por mais da metade das aparições de redes sociais digitais descritas individualmente no material de análise. Somadas as outras ferramentas têm 18 inserções, enquanto a nova febre dos jovens durante a quarentena (QUIROZ, 2020) aparece 20. O *WhatsApp* e seus grupos também têm grande destaque na mobilização e propagação do conteúdo pelos jovens. O termo “redes sociais” de forma

genérica sem citar nenhuma ferramenta aparece também em oito situações e é a única categoria presente em todas as matérias da análise.

A disputa por espaço das ferramentas tecnológicas trazida por Quiroz (2020), especialmente entre *Instagram* e *TikTok*, aparece visível nas descrições dos jovens e seus usos. Muito popular antes da pandemia de coronavírus, a ferramenta de fotos e vídeos parece ter perdido, ao menos na utilização para os protestos, seu espaço para a rede mais recente. Os conflitos de públicos e gerações nas redes sociais digitais também podem ser observados na baixa utilização do *Facebook*, considerada hoje por muitos jovens como a rede dos pais e avós. Diversos estudos acadêmicos, como o de Ferreira e Teixeira (2017), relacionam o Facebook como uma plataforma para o convívio social e a literacia digital para idosos.

Ao que parece, o *Twitter* também perdeu espaço na propagação dos conteúdos instantâneos para o *TikTok*. Nas reportagens aparecem vídeos gravados durante os protestos e publicados no mesmo momento e até transmissões ao vivo da mais nova plataforma digital. As funcionalidades da plataforma são utilizadas na produção de conteúdos e apropriadas para sua propagação como nos casos das *lives* em que os usuários recebem notificações e a utilização de hashtags para agregar os conteúdos relacionados à mesma temática.

Assim como as práticas culturais juvenis, os usos e práticas culturais nas redes sociais digitais também são cambiantes. As apropriações são muitas vezes não estruturadas e espontâneas, à medida que as necessidades de organização e difusão dos protestos vão surgindo, seus participantes fazem uso das ferramentas tecnológicas disponíveis. Surgidos de contexto de isolamento social, os protestos recentes na América Latina impuseram desafios à política e à saúde pública.

Considerações finais

Os protestos em meio à pandemia de coronavírus na América Latina apresentam, conforme a cobertura de *El País*, muitos pontos similares com as movimentações juvenis do início deste novo século descritas por Shirky (2011, 2012) e Castells (2017). A utilização das redes sociais digitais como principal ferramenta de propagação e engajamento nos levantes é, com certeza, a mais importante dessas similaridades. Destaque para a utilização do *TikTok*, aplicativo que ganhou popularidade durante a

quarentena (QUIROZ, 2020) e que sequer existia na publicação da última edição brasileira do livro de Castells em 2017. Essa rapidez e dinamicidade das redes não é novidade, Jenkins, Green e Ford (2014) apresentam diversos exemplos de utilização das novas tecnologias na propagação de conteúdo.

As pautas complexas e difusas também destacadas pelos autores acima nos movimentos juvenis também é percebido na construção da realidade empreendida pelo jornal espanhol na edição brasileira. Essas multiplicidades fazem eco nas reflexões de juventudes trazidas por Quaper (2000), já no início do século, e Groppo (2014). É possível compreender que os fenômenos sociais de levantes que emergem às ruas os mais diversos desejos de jovens (e não só deles) dão a falsa impressão de que há uma coesão de uma única juventude e que eles representam as mesmas características e anseios. Quando as manifestações se diluem e os aspectos tecnológicos, políticos e culturais que uniam as diversidades enfraquecem, os avanços sociais parecem não existir. Fica evidenciada a multiplicidade de juventudes.

Os mais variados indivíduos e coletivos são apresentados pelas próprias produções jornalísticas. As fontes são estudantes, profissionais e até fãs da cultura japonesa. Não são apenas variadas redes sociais digitais, mas também grupos e indivíduos com suas especificidades. O aspecto de considerar os jovens como categoria social que deve ser observado em perspectiva com outras categorias (GROPPO, 2004), e não como um período da vida, também aparece na inclusão de fontes com idades entre 20 e 42 anos. O que parece visível é que apesar de não demonstrar resultados concretos, os jovens que foram às ruas não se encaixam nos perfis de tolo, confuso e desesperado trazidos por Dunker (2020) no contexto pandêmico.

A resistência tradicional dos meios jornalísticos diante dos protestos, apontada por Castells (2017), também é visível na cobertura de *El País*. Na notícia de outubro de 2020, mesmo com a publicação do vídeo do jovem sendo empurrado pelos policiais, a versão oficial é endossada pelo veículo. No mesmo texto também não são entrevistados nenhum dos jovens e o contexto chileno é apresentado de forma rápida e com foco em protestos e violências anteriores de ambos os lados. Quaper (2000) aponta que os discursos de senso comum para com as juventudes são alimentados e reproduzidos nos discursos jornalísticos, midiáticos e de outras instâncias da sociedade.

Nas duas reportagens seguintes, uma sobre os levantes em toda a América Latina (inclusive o Chile) e outro específico sobre o Peru, trazem um entusiasmo maior sobre as

manifestações. Enfatizando a violência, desta vez de repressão estatal e policial, os textos apresentam as histórias de jovens e seus usos das redes sociais digitais. No entanto, a última notícia do corpus, de 2021, “O poder dos jovens peruanos que lideraram os protestos se dilui nas urnas” enfoca no desânimo diante das eleições no Peru e destaca as pautas difusas aqui tratadas anteriormente.

A análise indica as tensões entre tecnologias, juventudes, pandemia, América Latina e novas culturas digitais e políticas. No entanto, este recorte inicial traz apenas aproximações de um fenômeno ainda em curso. Outra dificuldade encontrada na abordagem é na permanência da realidade de restrições de aglomerações e reuniões, novas ondas da pandemia de coronavírus e o crescente número de mortos. Mesmo que a doença tenha apenas evidenciado uma crise estrutural (MASCARO, 2020; DUNKER, 2020), a análise fica comprometida em meio ao desenrolar dos acontecimentos e da própria cobertura jornalística.

No entanto, a cada nova manifestação no mundo, parece sedimentar algumas características da insatisfação juvenil e de suas relações com a tecnologia observadas em outros movimentos como a Primavera Árabe e Occupy Wall Street por Castells (2017), Oliveira (2012) e Sauviat (2012). O que se pode talvez vislumbrar, como sentenciou Shirky (2012), é que estamos diante de uma revolução.

Referências

ALMEIDA, Paulo Henrique Soares de. Brasil e o olhar estrangeiro na Copa do Mundo: Análise das narrativas do El País. **Revista de Estudios Brasileños**, ISSN-e 2386-4540, Vol. 3, Nº. 5, 2016, pp. 42-54.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

DUNKER, Chrsitian Ingo Lentz. **A arte da quarentena para principiantes**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

FERREIRA, Michelle Cristina; TEIXEIRA, Karla Damiano. O uso de redes sociais virtuais pelos idosos. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 153-167, 2017

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**. ano 13. n. 25 - dezembro / 2004.

HERSCOVITZ, Heloisa. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia.; BENETTI, Márcia. (Org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis. Vozes, 2007.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

MACEDO, Iago; ARAUJO, Alessandra. Redes Sociais na Construção da Juventude Otaku. **Anais da Intercom**. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016, 2016

MASCARO, Alysson Leandro. **Crise e pandemia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

OLIVEIRA, Letícia de. **Revolução Facebook**: em que medida as redes sociais na internet interferiram na deflagração da chamada Primavera Árabe? 2012. Monografia (Especialização em Relações Internacionais) Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

QUAPER, Klaudio Duarte. ¿Juventud o juventudes? Acerca de como mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. **Última Década**. Nº13, Cidpa Viña Del Mar, Septiembre 2000, Pp. 59-77.

QUIROZ, Natalia Tamra. TikTok: La aplicación favorita durante el aislamiento. **Revista Argentina de Estudios de Juventud**, (14), e044, 2020. DOI: 10.24215/18524907e044

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

SAUVIAT, Catherine. Occupy Wall Street, um movimento social inédito nos Estados Unidos. **Cadernos do desenvolvimento**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 11, pp.145-159, jul.-dez. 2012.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo**: o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.